

A representação da identidade feminina nos discursos de Kéfera Buchmann em seu canal do *YouTube* 5inco Minutos: uma visão com base nas interpretações dos estudos culturais¹

Cristina PIETCZAK²

Silvia Letícia dos Reis RENGEL³

Flavi Ferreira LISBÔA FILHO⁴

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

Em tempos de mídia alternativa o *YouTube* passou a assumir um papel de proliferação de conteúdo e, conseqüentemente, posicionamentos de seus usuários e sentimentos de identificação e representação, tais processos são trazidos sob a luz dos Estudos Culturais. O presente artigo busca reunir esses conceitos aplicando-os na análise do *vlog* 5inco Minutos e do posicionamento de Kéfera Buchmann em relação ao empoderamento feminino, partimos do pressuposto de que a cultura é um campo em constante tensões, resultado das diferentes identidades. As falas da *vlogueira* em seus vídeos são repletas de elementos feministas, referenciando ao oposto do que é dito e aceito como “ser mulher” na sociedade, dessa forma gerando reconhecimento e também uma sensação de pertencimento de suas espectadoras.

Palavras-chave: identidade; representação; *YouTube*; *vlog*.

Introdução

Hoje os tempos são outros e acabamos por criar novos ídolos, eis que chegou a vez dos *vlogueiros*, que retratam “suas vidas” como se fosse em um diário, só que ao invés de um registro escrito, são feitos em forma de vídeos. Com muitos desses acabamos por nos identificar, nos familiarizamos a ponto de nos sentirmos como próximos desses *vlogueiros*.

Nesse sentido, analisamos o canal do *YouTube* intitulado 5inco Minutos e criado por Kéfera Buchmann, onde é possível relacionar o seu discurso com aspectos feministas, pois a *vlogueira* quebra o estereótipo tradicionalmente criado para as mulheres, se mostrando independente, fazendo uso de palavras de baixo calão, entre outras atitudes.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Cinema e Audiovisual, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, email: crispiet.cp@gmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, email: sleticiarr@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, pesquisador-líder do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais e Audiovisualidades, email: flavilisboa@gmail.com

Cada vez mais essas plataformas de comunicação independente das grandes mídias estão fazendo parte do cotidiano da população mundial devido aos avanços tecnológicos e, conseguinte o maior acesso à internet, desencadeando assim em um aumento desenfreado no número de celebridades da internet. Essas personalidades são responsáveis pelos sentidos de seus discursos, ou seja, os signos evocados em seus vídeos podem resultar em diferentes reações em seus fãs, desde o desprezo a serem ovacionados. Desse modo compreende-se que todo e qualquer elemento presente em algum *vlog* possui significações carregadas potencialmente para evocar sentimentos de identificação, representação ou o contrário, dependendo do discurso e como tal é recepcionado pelo público.

Para conseguirmos identificar e interpretar esses aspectos identitários, trazemos em nossa análise a perspectiva dos Estudos Culturais focalizada, em um primeiro olhar, no *vlog* 5inco Minutos, onde Kéfera, ao falar ao público sobre o cotidiano, constantemente evoca situações e simbologias que remetem a conceitos e teorias feministas. Assim, buscamos nesse artigo dar os primeiros passos na identificação e na compreensão dessas marcas no discurso da *vlogueira*.

Breve histórico dos estudos culturais

Os Estudos Culturais surgiram na Inglaterra na década de 1960, com a criação do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), tendo como primeiro diretor Richard Hoggart. Contudo, sua emergência se dá no final da década anterior com textos basilares de seus precursores. O Centro tinha como objetivo o estudo das relações entre cultura contemporânea e sociedade, as formas culturais, instituições, práticas culturais e a sociedade em relação às mudanças sociais (MACHADO; TERNUS; SANTOS, 2012). Os Estudos Culturais atualmente assumem grande destaque na cena internacional, porém seu conjunto de conceitos e metodologias não pode ser visto como algo engessado, pré-definido, mas sim de forma mutável, conforme os contextos nacionais, regionais e temporais. Além disso, não se deve observar os Estudos Culturais como uma disciplina ou de forma desconexa com a sociedade e os modos de codificação, mas sim como uma área de atuação interdisciplinar.

Inicialmente os Estudos Culturais estavam ligados à Escola de Birmingham. No final da década de 1960, os pesquisadores começam a se interessar pelos estudos de recepção e ao consumo da mídia, mas é após 1968 que se tornam o motor intelectual, tendo influenciado nas mudanças ocorridas na Inglaterra como um todo, não apenas no CCCS. Na

década de 1970 houve a incorporação dos estudos feministas, introduzindo questões de identidade, gênero, raça e etnia; no final dos anos 70 e início dos anos 80, com alguns teóricos franceses, os Estudos Culturais começam a ganhar ares internacionais e também a perder um pouco do viés extremamente político. Nos anos 80 surgem “[...] novas modalidades de análise dos meios de comunicação” e “Multiplicam-se os estudos de recepção dos meios massivos [...]” (ESCOSTEGUY, 2006, p. 152). Na década de 90, não existia mais o sentido de estar estudando algo novo, mas sim uma continuidade fragmentada daquilo que estava sendo investigado pelos Estudos Culturais:

[...] ‘é um projeto novo de pensar através das implicações da extensão do termo ‘cultura’ para que inclua atividades e significados da gente comum, precisamente esses coletivos excluídos da participação na cultura quando é a definição elitista de cultura que governa’ (BARKER e BEEZER apud ESCOSTEGUY, 2006, p. 150).

Os Estudos Culturais possuem por característica, segundo Johnson (2010), a abertura e versatilidade teórica, o espírito reflexivo e, principalmente, a importância da crítica, deste modo, “[...] os Estudos Culturais são um processo, uma espécie de alquimia para produzir conhecimento útil: qualquer tentativa de codificá-los pode paralisar suas reações” (JOHNSON, 2006).

Segundo Escosteguy (2006), em um primeiro momento os Estudos Culturais eram mais políticos do que analíticos, ao mesmo tempo em que possuíam marco teórico amparado no marxismo. Johnson (2006) cita algumas das influências de Marx para os Estudos Culturais:

A primeira é que os processos culturais estão intimamente vinculados com as relações sociais, especialmente com as relações e as formações de classes, com as divisões sexuais, com a estruturação racial das relações sociais e com as opressões de idade. A segunda é que a cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades. E a terceira, que se deduz das outras duas, é que a cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e de lutas sociais. Isto, de forma alguma, esgota os elementos do marxismo que, nas circunstâncias existentes, continuam ativos, vivos e valiosos, sob a condição, apenas, de que também eles sejam criticados e trabalhados em estudos detalhados (JOHNSON, 2006, p.13).

Os Estudos Culturais não devem buscar a verdade do que está posto, devem tentar compreender como os sentidos são construídos e como são representados, refletindo sobre o

contexto ao qual está inserido (ANDRADE; BORTOLAZZO, 2012, p.253). Quando a cultura é a questão de estudo, não se pode ficar nas questões superficiais, a subjetividade nesse momento deve fazer parte dos estudos, Johnson (2006) acredita que os problemas centrais aos quais os Estudos Culturais devem se focar encontram-se entre a “consciência” e a “subjetividade”, o compreender-se de cada indivíduo e os elementos que o mobilizam sem ser conscientemente conhecidos, desse modo, “[...] os Estudos Culturais dizem respeito às formas históricas da consciência ou da subjetividade, ou às formas pelas quais nós vivemos, ou, ainda, [...] ao lado subjetivo das relações sociais” (JOHNSON, 2006, p.25).

Teoria e prática: conceitos e análise

Cultura, identidade e representação são conceitos diretamente relacionados, um implica no outro e nas seguintes formas de codificação e entendimento do mundo. Os Estudos Culturais começam a trabalhá-los principalmente quando focam nos estudos de recepção, diminuindo a dimensão política de seus textos e procurando entender como que os produtos midiáticos afetam seus receptores e como atuam na formação de identidades. A ideia da hegemonia das classes dominantes começa se degradar, o conceito de “classe” deixa de ser central e passa a ser uma variável dentre as demais a se pesquisar, mais como forma de opressão do que qualquer outra coisa. Os autores passam a buscar outros indícios para a construção das identidades, como de raça e gênero, e entender como esses atores se relacionam com os meios de comunicação e com o consumo.

Silveira (2012, p.360) busca em Hall uma conceitualização de representação, para ele representação é:

[...] o processo através do qual os membros de uma cultura fazem uso da linguagem (geralmente definida como qualquer sistema que dispõe de signos, qualquer sistema de significação) para produzir sentido. Esta definição, por sua vez, carrega a importante premissa que as coisas - objetos, pessoas e eventos do mundo - não têm neles nenhum significado final ou verdadeiro. Somos nós, na sociedade - dentro de culturas humanas - quem fazemos as coisas ter sentido, significar (HALL, 1997, apud SILVEIRA, 2012, p.360)

Sobre esse ponto de vista, podemos compreender o uso da linguagem como forma de atribuir sentidos às coisas que nos cercam, produzindo, reproduzindo e modificando significados. Silveira (2012) compreende que a cultura da mídia contribui para a reprodução

de discursos estereotipados ou não, assim a visibilidade midiática é compreendida como um espaço de negociação de sentidos das instituições midiáticas para com os indivíduos desta sociedade, lançando temas a serem discutidos, produzindo sentidos, sentimentos e mudanças sociais (SILVEIRA, 2012, p. 360-361). É importante pensar também que representação não corresponde a um espelho da realidade, mas é uma construção social, ou seja, “[...] o significado não é natural às coisas existentes no mundo, mas construído, produzido. É resultado de uma prática de significações” (ANDRADE; BORTOLAZZO, 2012, p.255), natural da mídia e dos indivíduos detentores de canais de comunicação a atribuição de sentidos aos seus discursos através de suas escolhas linguísticas, porém é necessária a consciência sobre os significados de seus argumentos.

Pensar a importância da representação é compreender os valores de cada cultura, assim Willians (1964) e Thompsom (1964) foram autores que tinham em comum a preocupação com as condições sociais da classe operária, através da redefinição de concepções elitistas e tradicionais de educação. Falavam em uma “cultura comum”, independente da classe social e suficiente para tratar da cultura popular e da cultura mediada, acreditando na primeira como um local de resistência e de autoexpressão e na segunda como uma cultura mediada pelos meios de comunicação de massa (SCHULMAN, 2006, p.177-178).

A globalização, as migrações, o papel dos Estados-nação e da cultura nacional bem como suas influências na formação das identidades também acabam por se tornarem fatores observados pelos pesquisadores do Centro. O conceito de hegemonia, formulado a partir de Gramsci; no final da década de 70, define hegemonia como o domínio de uma classe sobre outras, ganha uma releitura visando os estudos de gênero e raça e se torna importante para as pesquisas referentes à cultura popular, tentando quebrar a tradição criada e sustentada por Eliot e Leavis de uma classe dominante (SCHULMAN, 2006).

Os Estudos Culturais sofrem grande influência marxista, buscando abarcar uma cultura geral, sem distinção entre “alta cultura” e “vida real”. Raymond Williams, Richard Hoggart e Stuart Hall, possuem grande destaque nessa área, ambos defendem o igualitarismo e buscam quebrar com as barreiras classicistas tradicionais da Escola de Birmingham (SCHULMAN, 2006). Utilizando o trabalho de campo etnográfico, a entrevista, a análise de texto e discurso e métodos tradicionais para investigar várias questões, Hall ainda se utiliza de fatores sociológicos em suas investigações, que,

juntamente com as abordagens estruturalistas foram adquiridas da França (SCHULMAN, 2006).

É na questão das inter-relações que os Estudos Culturais se concentram, nas interações de classe para a formulação de ideologias em questões de gênero e raça. Os Estudos Culturais também sofreram grande influência da Nova Esquerda Inglesa, “[...] fortemente socialista, anti-imperialista e antirracista, favorável à nacionalização das principais indústrias e da abolição do privilégio econômico e social.” (SCHULMAN, 2006, p.186) que ajudam a reforçar o pensamento do Centro. Sem fazer distinção entre baixa e alta cultura, todas as formas de expressão são consideradas válidas e passam a serem estudadas, entendendo comunicação como relação social, e na contemporaneidade, essas relações se dão entre classes, dando a participação das minorias.

Os Estudos Culturais procuram preencher lacunas intelectuais e políticas da sociedade, com um caráter aberto, busca entender como se dá a reciprocidade em movimentos contemporâneos como “[...] psicanálise⁵, o estruturalismo⁶, o feminismo⁷, o marxismo althusseriano⁸, o desconstrucionismo⁹ e a hermenêutica¹⁰[...]” (SCHULMAN, 2006, p.199). Pesquisas por interesse, feitas de forma coletiva, são realizadas pelo Centro como forma de diminuir os gastos, uma vez que o mesmo é sustentado pelos lucros rendidos pelas publicações.

Compreender como ocorrem os processos de representação e formação das identidades é, hoje, de fundamental importância, pois interferem nas relações entre classe,

⁵A Psicanálise foi criada pelo neurologista austríaco Sigmund Freud, com o objetivo de tratar desequilíbrios psíquicos. Tem por base a análise dos conflitos sexuais inconscientes que originados durante a infância. Também visa analisar o comportamento humano, decifrar a organização da mente e curar doenças carentes de causas orgânicas. (CONCEITO, 2012. SANTANA, sd.).

⁶Para o estruturalismo, não existem fatos isolados, mas partes de um todo maior. Consiste em explicar o real não apenas a partir dos seus elementos, mas, sobretudo a partir da sua estrutura, na qual se vê uma realidade independente. (INFOPÉDIA, sd. SALATIEL, 2008.).

⁷Feminismo é um movimento, sobretudo político que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens. São movimentos intelectuais e teóricos que procuram desnaturalizar a ideia de que há uma diferença entre os gêneros. (ARAUJO, sd. CONCEITO, 2013. SIGNIFICADO, sd.).

⁸Althusser foi um filósofo francês, conhecedor da teoria marxista, considerava a ideologia como intrínseca a cada ação de um sujeito. A forma de ideologia pensada por Althusser volta a ideia de Aparelhos de Estado (governo, administração, exército...) e os renomeia como Aparelhos de Repressão do Estado além de identificar os Aparelhos Ideológicos de Estado (igrejas, escolas, justiça, sistema político...). Desse modo, a ideologia é central no pensamento althusseriano, pois os Aparelhos de Estado funcionam principalmente com a repressão e os Aparelhos Ideológicos de Estado através da ideologia, sobre a função de reproduzir as relações capitalistas. (ALVES, 2012).

⁹Teoria que diz que os textos podem conter outros sentidos para além dos que o crítico já determinou, pensa a descentralização, a desconstrução da existência de um centro na estrutura.

¹⁰A arte ou método de interpretar e compreender um determinado texto. (SANTANA, sd.)

gênero, raça e demais características que determinam os indivíduos e sua posição de/no mundo. Tomar conhecimento do panorama histórico de Estudos Culturais é importante para pensar os velhos e novos rumos das pesquisas culturais.

Observamos identidade como “a forma pela qual os indivíduos se percebem dentro da sociedade em que vivem e pela qual percebem os outros em relação a eles próprios” (TILIO, 2009, p.110) através do sentimento de pertença a certo grupo social. É importante pensar também na identidade como uma construção histórica e econômica e que, nas relações cotidianas, desenvolvem as relações de poder (TILIO, 2009). A identidade social de um sujeito pode decorrer de práticas sociais do indivíduo, tais como gênero, idade, opção sexual, cor de pele, etc., porém esses elementos não devem ser compreendidos como camadas, eles entram em relação, interação, destacam-se entre si. Hall (2006) apresenta a modificação do sujeito sociológico para o pós-moderno exatamente nesse ponto:

O sujeito, previamente vivido, como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006, p. 12)

Hall (2006) quando este trata a identidade como um processo de construção do indivíduo, uma “celebração móvel” (HALL, 2006, p.13) definida historicamente e não biologicamente. Ainda em Hall (2006) podemos perceber que ao passo que os sistemas de significações e representação cultural se multiplicam, o escopo de identidades possíveis aumenta de forma desconcertante, podendo o sujeito identificar-se com qualquer uma temporária ou permanentemente, assim “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p.13).

Concordamos com Silveira (2012) em sua busca em Hall (1997) e com Andrade e Bertolazzo (2012) quando tratam a representação como uma construção social, criada a partir da atribuição de significados, dependente das culturas humanas e da sociedade a qual está inserida. Representar é construir significações, nos sentimos representados quando o conjunto de sentidos atribuídos a um discurso coincide com os sentidos que nos identificamos.

A respeito da cultura concordamos com Johnson (2006) quando afirma que as relações culturais estão relacionadas às relações sociais e, conseqüentemente, às relações de poder. Cultura é um campo repleto de tensões, fruto das relações de classes, divisões sexuais, opressões de idade ou de cor da pele por exemplo.

As novas tecnologias estão transformando as noções de identidade tradicionais, pois a globalização e, conseqüentemente, o maior acesso a informações, quebram os estereótipos e contribuem para a criação de um “eu” individual. Nesse sentido, e considerando as evoluções tecnológicas, amplia-se o horizonte de conhecimento, as formas de identidade, antes conhecidas e reconhecidas culturalmente, são quebradas e reestruturadas. Dias (2011), traz uma reflexão a respeito desse novo contexto: “É essa forma de alteração rápida e incontrollável do meio social cotidiano que concretiza a ideia de que quando se altera os aspectos individuais, também se fragmenta as identidades antes estáveis” (DIAS, 2011, p.153).

Um ambiente de imensa proliferação de conteúdo atualmente é a rede social *YouTube* pela distribuição ampla dos vídeos, nessa plataforma surgem os *vlogueiros*, pessoas que usam seus canais nessa rede social para disseminar suas opiniões, através de uma conversa com o expectador. Tal uso se tornou popular no Brasil em 2010, pois não necessita de grandes recursos financeiros, muitos *vlogueiros* iniciam somente com uma câmera simples ou até mesmo com *webcam* e com o tempo - e o retorno financeiro - investem em equipamentos visando a melhor qualidade de seus produtos. Desse modo, como qualquer produto midiático, os *vlogs* acabam tomando para si valor cultural, os discursos geram sentimentos de identificação e representação.

A *vlogueira* Kéfera Buchmann iniciou seu canal no *YouTube* intitulado “5inco Minutos” em 25 de julho de 2010 com o vídeo “*Vuvuzela*”, hoje, além de ser o quarto maior canal brasileiro no *YouTube*, é o maior *vlog* do ranking e maior canal conduzido por uma mulher.

No 5inco Minutos, a também atriz, Kéfera, busca retratar como se falasse em um diário, retratando seus dramas e suas histórias, de forma leve e humorística, como se conversasse com uma amiga. Aliás, em seus vídeos, são constantes as visitas de sua mãe, demais familiares, amigos e animais de estimação, como sua cachorra Vilma Teresa.

No início do canal Kéfera recebeu duras críticas, pois era o advento do *YouTube* brasileiro e os *vlogs* já existentes eram majoritariamente masculinos, ela traz ao público tal experiência no seu vídeo intitulado “Ser mulher” postado em 22 de setembro de 2010. Em

decorrência disso, seu discurso evoca simbologias referentes a conceitos feministas, empoderamento da mulher e a desconstrução de comportamentos considerados femininos. Através das histórias contadas muitos expectadores sentem-se representados, pois a linguagem utilizada, informal como uma conversa entre a *vlogueira* e o indivíduo que a assiste, faz com que haja um sentimento de identificação, ou seja, as situações narradas pela Kéfera acontecem ou poderiam acontecer com qualquer um. Podemos considerar essa como uma tendência na área de entretenimento através da crescente popularização de *vlogs* intimistas e de diários virtuais.

Embora sejam grandes vidas, de figuras ilustres ou exemplares; como se vê por toda parte, basta apenas que sejam vidas reais, autênticas, realmente protagonizadas por um *eu* de verdade – ou, de novo, pelo menos que assim pareçam. (SIBILIA, 2008, p.203)

Considerando esse “eu de verdade” no contexto atual de popularização das mídias digitais e com olhar sobre o 5inco Minutos, podemos categorizar a atuação de Kéfera como esse sujeito verdadeiro que expõe suas vivências e espera conquistar seu público através de suas histórias.

A intimidade apresentada de forma aberta poderia ser considerada uma problemática, mas se levarmos em consideração os aspectos identitários, isso pode ser, de certo modo, um aditivo, pois retrata e expõe a vida desses produtores de conteúdo de maneira que aumente a identificação de quem os assistem, reconhecendo suas vidas cotidianas com as das ditas, novas celebridades. Podemos pensar essa exposição também como um fator relativo à concepção de empoderamento feminino diante do mundo e de seu próprio corpo, ao passo que as mulheres assumem uma postura libertária ao falar sobre as peculiaridades de seu dia a dia, assim expondo muito mais que opiniões, mas também os fatores que desencadeiam seus modos de ser e estar no mundo.

Cada vez mais os produtores de conteúdo para a *internet* estão percebendo que não basta apenas mostrar-se na rede, é necessário expor um conteúdo relevante e para que um espectador se interesse por um vídeo esse deve causar empatia. No 5inco Minutos, Kéfera gera esse sentimento em seus seguidores, pois vai de encontro às predefinições do que é ou não considerado “atitude de mulher”, tenta combater o imaginário imposto desde crianças de que é “feio” meninas falarem palavrão, sobre sexo ou outros temas polêmicos, que essas atitudes são ditas masculinas, e que as mulheres deveriam permanecer reclusas, deixando de explanar suas opiniões e pensamentos. Kéfera não é uma mulher que deixa se abater pelos

padrões impostos pela sociedade e deixa transparecer isso nos vídeos através de ações que algumas vezes até passam como falta de educação (tais como falar palavrão, arrotar ou flatular diante da câmera), porém servem como indicativos da linha defendida pela atriz. Essas atitudes despertam um sentimento de identificação de uma expectadora para com Kéfera.

As mulheres modernas podem enxergar na *vlogueira* muito mais que uma amiga, mas uma pessoa que está exposta na mídia e que pensa e age como elas, ajudando assim a criar uma sensação de pertencimento das mulheres com o mundo ao seu redor. Fora isso, também ajuda as meninas que, por algum motivo ou outro, possam ser mais fechadas e, em certo ponto, tímidas em se exporem fora dos padrões ditos como socialmente aceitos, a se reconhecerem como femininas que são acima da imposição história de que para serem afirmadas como mulheres deveriam ser meigas e submissas.

Conclusão

Nesse novo contexto das comunicações rápidas e convergentes, cada vez mais surgem às celebridades da *internet*, e tais sujeitos responsabilizam-se por uma gama de significações decorrentes de seus discursos. Ao se colocarem no local comum, próximo ao espectador, tornam-se espelhos para esses, gerando sentimentos de identificação e representação. Sendo a *internet* a ruptura com as antigas formas e modelo de negócio da mídia tradicional, podemos perceber que surgem discursos dos mais variados, sendo uma forma de fortalecimento de movimentos sociais, tais como o feminismo.

Assim podemos compreender a atuação de Kéfera no *5inco Minutos* como efetiva diante da proposta de mostrar o que pensa e como age a mulher moderna, independente e forte o suficiente para encarar as críticas. Mesmo evocando sentidos feministas de indiretamente indireta, sua forma de se posicionar traz indícios de sua posição, e tal ação influencia seu público majoritariamente mulheres, desse modo desenvolvendo uma consciência comum de empoderamento feminino. Outro fator importante para a identificação é a forma com que o discurso é feito, em linguagem clara e simples, assim o espectador sente-se presente ou também representado nos fatos narrados e na forma como a atriz leva a vida. É necessário frizar que esse artigo é fruto de interrogações iniciais acerca do tema, e que, possivelmente, resultará em pesquisas posteriores e questionamentos mais amplos e aprofundados.

Referências

ALVES, Joyce Amâncio de Aquino. **A concepção de ideologia em Althusser e Gransci: complementações e/ou divergências?**. In: 36º ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 2012, Águas de Linóia. Anais... Águas de Linóia, 2012. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8050&Itemid=76> Acesso em: 28 jun 2015.

ANDRADE, Paula Deporte de; BORTOLAZZO, Sandro Faccin. **A geração digital produzida nos anúncios publicitários: vendendo uma infância tecnológica na revista Veja**. Cadernos de Comunicação. Santa Maria, v.16, n.2, p. 247 - 264, jul./dez.2012.

ARAUJO, Francisca Socorro. **Feminismo**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sociologia/feminismo/>>. Acesso em: 29 jun 2015.

CONCEITO de feminismo. 2013. Disponível em: <<http://conceito.de/feminismo#ixzz3eIQazryT>> Acesso em: 29 jun 2015.

CONCEITO de psicanálise. 2012. Disponível em: <<http://conceito.de/psicanalise#ixzz3eINLXCXS>> Acesso em: 29 jun 2015

DIAS, Alfrancio Ferreira. **Dos estudos culturais ao novo conceito de identidade**. Revista Fórum Identidades - Universidade Federal do Sergipe. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 5, Volume 9, janeiro - junho de 2011. Disponível em: <http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_9/FORUM_V9_13.pdf> Acesso em: 01 jul 2015

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Thomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. Belo Horizonte: Autêntica, 3 ed., 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de janeiro, DP&A, 11 ed., 2006.

INFOPÉDIA Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto, Porto Editora, 2003-2015. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$estruturalismo-\(sociologia\)](http://www.infopedia.pt/$estruturalismo-(sociologia))> Acesso em 29 jun 2015.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais. In: SILVA, Thomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. Belo Horizonte: Autêntica, 3 ed., 2006.

MACHADO, Alisson; TERNUS, Carline; SANTOS, Gabriela Silva dos. **A representação do gênero em Marisa: o que fazer com esses números?**. Cadernos de Comunicação. Santa Maria, v.16, n.2, p.285 - 304, jul./dez.2012.

OS dez canais do YouTube mais populares no Brasil. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/02/os-dez-canais-do-youtube-mais-populares-no-brasil-4705686.html>> Acesso em: 15 jul 2015.

SANTANA, Ana Lúcia. **Hermenêutica**. Disponível em:
<<http://www.infoescola.com/filosofia/hermeneutica/>> Acesso em: 28 jun 2015.

SANTANA, Ana Lúcia. **Psicanálise**. Disponível em:
<<http://www.infoescola.com/psicologia/psicanalise/>> Acesso em: 29 jun 2015.

SCHULMAN, Norma. *O Centre for Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham: uma história intelectual. In: SILVA, Thomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. Belo Horizonte: Autêntica, 3 ed., 2006.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVEIRA, Bruna Rocha. A representação da sexualidade da mulher com deficiência na mídia: o caso Viver a Vida. *Cadernos de Comunicação*. Santa Maria, v.16, n.2, p.357 - 373, jul./dez.2012.

SALATIEL, José Renato. **Estruturalismo: Quais as origens desse método de análise?**. Especial para a Página 3 Pedagogia & Comunicação. 2008. Disponível em:
<<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/estruturalismo-quais-as-origens-desse-metodo-de-analise.htm>> Acesso em: 29 jun 2015.

SIGNIFICADO de Feminismo. Disponível em:
<<http://www.significados.com.br/feminismo/>> Acesso em: 29 jun 2015.

TILIO, Rogério. **Reflexões a cerca do conceito de identidade**. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. Duque de Caxias, v.8, n.29, p.109 - 119, abr./jun. 2009. Disponível em:
<<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/viewFile/529/530>> Acesso em: 01 jul 2015.